

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Aquisição de Segunda Língua*. São Paulo: Parábola, 2014. ISBN 978-85-7934-093-2

Resenhado por Rosa Yokota  
Universidade Federal de São Carlos

Os estudos sobre Aquisição de Segunda Língua no Brasil, tanto nos cursos de graduação quanto nos de pós-graduação, têm se baseado em bibliografia importada, em grande parte dos casos em inglês, mesmo quando se trata de livros introdutórios para cursos de Linguística Aplicada na graduação. Assim, Ellis (2008), Brown (2007), Littlewood (1998) e Larsen-Freeman e Long (1991), entre outros, têm sido os manuais para os estudos na área de ensino e aprendizagem de língua não materna. As obras de autores consagrados internacionalmente na área de Linguística Aplicada também não possuem tradução ao português ou, quando há, estão esgotadas ou em alguma revista não tão acessível, mesmos em tempos de internet. Inclusive aqueles considerados como clássicos ou que tiveram grande influência na formação de professores de línguas estrangeiras no país, como Lado, Krashen e Selinker, em geral não são lidos no original nem em tradução. O conhecimento que os leitores brasileiros têm destes teóricos fica limitado às citações e à leitura direcionada pela pesquisa ou artigo de um autor nacional.

A expansão do ensino de línguas estrangeiras na universidade brasileira levou à busca de outros autores ou traduções a outras línguas, para que licenciandos em Letras pudessem ter acesso às teorias sobre aquisição de segunda língua, metodologia de ensino e formação de professores. Foi o caso do espanhol, que contava com algumas boas traduções de obras de Linguística Aplicada e uma considerável produção editorial na área, publicada principalmente na Espanha.

O livro de Vera Lúcia Menezes de Oliveira Paiva, *Aquisição de segunda língua*, vem suprir um grande vazio para os que se dedicam aos estudos sobre aprendizagem e ensino de línguas estrangeiras. A docente da Universidade Federal de

Minas Gerais tem uma longa trajetória como professora de língua inglesa e pesquisadora em Letras e mais especificamente em Linguística Aplicada. Além disso, foi pioneira e divulgadora de estudos sobre educação à distância e atuou no Ministério da Educação, na Comissão de Especialistas em Letras. Ou seja, sua história como docente e pesquisadora cria a expectativa de que temos em mãos uma obra que será referencial para os cursos de Letras com habilitação em alguma língua estrangeira e para a formação e aperfeiçoamento de docentes em exercício.

A autora, na introdução, esclarece sobre o título da obra, que é questionável em razão das discussões existentes sobre os termos ‘aquisição’ e ‘segunda língua’. Ela é hábil em defender a escolha da expressão ‘aquisição de segunda língua (ASL)’ ao argumentar que, na literatura da área, é o termo mais utilizado para este tipo de pesquisa. Outro esclarecimento importante é quanto à escolha dos modelos a serem abordados no livro: o fato de os contextos de aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil não corresponderem ao das teorias abordadas no livro não significa que vamos ignorá-las. Para ela, “muitos dos pressupostos fazem sentido quando os confrontamos com histórias de aprendizagem de línguas” (p.10), ou seja, não se trata de uma passagem automática da teoria à prática, mas sim de uma reflexão sobre os avanços das pesquisas sobre aquisição de línguas que não se limita a situações locais e atuais, mas que abrange pressupostos que podem ter tido impacto maior ou menor na história de aprendizagem de línguas dos indivíduos em particular, como ficará evidenciado nos relatos utilizados para exemplificar os modelos no decorrer do livro.

Paiva organizou o livro em 10 capítulos e, além das referências bibliográficas, acrescentou um glossário que permite ao leitor iniciante no tema ter um apoio para a leitura. O glossário é uma parte que merece ser consultada e faz do livro uma fonte importante para aclarar alguns conceitos teóricos que muitas vezes não interpretamos adequadamente devido ao uso comum de alguns termos ou dos valores específicos que estes ganham dentro de uma linha teórica. A falta de um dicionário referencial de Linguística Aplicada em português faz deste

glossário uma parte relevante da obra. Mesmo havendo o glossário e as referências bibliográficas no final do livro, as notas de rodapé estão presentes em todos os capítulos, com esclarecimentos sobre traduções, obras consultadas, observações que dialogam com o texto principal, explicação de conceitos, sugestões e colaborações de especialistas ao texto da autora. Apesar da importância das informações constantes nas notas e no glossário, o uso da Wikipédia como fonte de algumas das informações enfraquece seu valor e põe em dúvida o respaldo acadêmico de alguns dos conceitos.

Os 9 primeiros capítulos são dedicados cada qual a uma teoria, hipótese ou modelo de aquisição: (1) Teoria behaviorista-estrutural; (2) Modelo do monitor, hipótese do input ou da compreensão; (3) Modelo da aculturação; (4) Modelo da gramática universal; (5) Modelo conexionista; (6) Hipótese da interação; (7) Hipótese do output ou da lingualização; (8) Teoria sociocultural; (9) Aquisição de segunda língua na perspectiva da complexidade. Em cada um destes capítulos há uma breve introdução sobre a teoria e seus principais nomes, o ponto de vista de seus defensores, as críticas recebidas, algumas narrativas de aprendizagem comentadas e a conclusão. A fim de melhor analisar o livro, adotamos nesta resenha a seguinte estratégia: procuramos agrupar os comentários sobre capítulos de acordo com as afinidades teóricas de cada um deles, ou seja, não seguimos estritamente a sequência do livro, mas sim reunimos os capítulos por seus construtos teóricos.

Quanto à sequência dos capítulos, a autora não segue uma ordem cronológica de surgimento das teorias, como normalmente é feito nos livros introdutórios e como imaginaria o leitor que começa pelo capítulo 1. O impacto que as teorias tiveram na Linguística Aplicada no Brasil e a sua introdução no país parecem ter sido as linhas condutoras para os primeiros dois capítulos. Assim, inicia-se com a teoria behaviorista-estrutural e sua aplicação ao ensino de segunda língua com Robert Lado, que teve importância histórica no desenvolvimento da Linguística Aplicada no país e cujos

preceitos estão presentes como uma relação fundante entre o professor de línguas estrangeiras e as teorias de aquisição de segunda língua.

O capítulo 2 está dedicado a Stephen Krashen e à evolução de seu modelo de aquisição de segunda língua. Diferentemente de outros textos que tratam do autor, este capítulo vai além das famosas 5 hipóteses propostas nos anos 70. A forte influência dos estudos gerativistas no Modelo do Monitor fica explicitada no capítulo, a ponto do leitor perguntar-se da razão do modelo da gramática universal ser abordado somente no capítulo 4. A apresentação das críticas ao Modelo do Monitor e a resposta de Krashen a parte delas também é algo que diferencia o texto de Paiva. Em geral, os estudos sobre o Modelo do Monitor não abordam as críticas feitas à hipótese da aquisição/aprendizagem vindas de diferentes autores em diferentes momentos em razão da base dessa hipótese estar na consciência e na inconsciência (que não podem ser comprovadas empiricamente) e da separação e ausência de interface entre aquisição e aprendizagem.<sup>1</sup> Outra crítica se refere ao fato do monitor ser verificável através da produção e não da recepção dos aprendizes, ou seja, somente o output é analisado e, mesmo assim, sem considerar a variabilidade da produção linguística.

Os capítulos 6 (A hipótese da interação) e 7 (A hipótese do output ou da lingualização) apresentam reações contrárias à hipótese do input, de Krashen, tratado no capítulo 2. Os três capítulos estabelecem um interessante panorama sobre como abordar, de diferentes perspectivas, a aquisição de língua estrangeira.

---

<sup>1</sup> McLaughlin (1987), por exemplo, fez críticas em relação à importância dada por Krashen ao input, em especial no caso da história de Armando (emigrante mexicano nos Estados Unidos que aprendeu hebraico com fluência), devido à falta de definição sobre o que seja um processo consciente e inconsciente, assim como devido à dificuldade de aceitar o pressuposto de Krashen de que a aprendizagem não possa se transformar em aquisição. Tais críticas se referem ao tratamento dado por Krashen ao DAL (dispositivo de aquisição da linguagem) proposto por Chomsky.

O capítulo 3 está dedicado ao modelo da aculturação de Schumann, uma importante contribuição para a compreensão da aquisição de segunda língua, pois até então os pesquisadores estavam extremamente centrados no cognitivismo ou na importância dos estímulos linguísticos. O modelo da aculturação destacou dois aspectos como mais importantes: o social e o afetivo. No aspecto social, é notável o olhar antropológico do pesquisador, que mostrou a inserção social como uma variável importante para a aquisição de segunda língua. As críticas recolhidas pela autora ao famoso estudo sobre Alberto e às limitações do modelo de Schumann partiam do pressuposto de que as pesquisas deveriam ser quantitativamente representativas e generalizáveis, ou seja, eram críticas de uma perspectiva positivista. Entretanto, trata-se de um estudo de caso que faz um recorte e focaliza o desenvolvimento de um indivíduo durante certo tempo. O fato de tentar explicar o mau desempenho do aprendiz de inglês Alberto pela aculturação é outra crítica recolhida pela autora, porém ela mesma encontra evidências que suportam parcialmente a hipótese da aculturação nas narrativas de aprendizagem de seu projeto.

Como o capítulo 4, Modelo da Gramática Universal, e o capítulo 8, Teoria Sociocultural, abordam duas linhas de pesquisa essenciais para a aquisição da língua materna e o desenvolvimento da linguagem, nossa análise procurará associá-los aos outros capítulos relacionando-os por afinidades teóricas. Compreender Chomsky e Vygotsky é necessário para quem se dedica aos estudos de aquisição de segunda língua, mesmo que estes autores não tenham tratado do tema diretamente. Nota-se um aprofundamento teórico maior no capítulo 4 do que no capítulo 8, bem como uma bibliografia mais extensa sobre o gerativismo nas referências bibliográficas. Entretanto, no Brasil, Vygotsky tem sido muito citado nos estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras mais recentes e os estudos gerativistas têm se voltado muito mais à aquisição de língua materna (fala) e aos estudos descritivos. O capítulo 4 é essencial para a compreensão das

bases da teoria do monitor (capítulo 2) e para entender a cisão do modelo behaviorista-estruturalista que marcou o século XX. No capítulo 8, a autora esclarece que “embora Vygotsky não usasse o termo ‘sociocultural’, não tivesse pesquisado aquisição de segunda língua, nem trabalhado com adultos, os pressupostos de sua teoria sobre o desenvolvimento humano têm influenciado os estudos sobre aquisição” (p. 127). Assim, a autora destaca os estudos de Lantolf e outros autores para expor a Teoria Sociocultural, focalizando a mediação, a zona de desenvolvimento proximal, os andaimes e a importância de fatores sociais (em contraposição aos cognitivos) para o desenvolvimento da aprendizagem de línguas.

A teoria conexionista é tratada no capítulo 5, em que a autora mostra como esta teoria apresenta-se como uma reação ao inatismo, sendo, entretanto, uma teoria cognitiva. Dentro da teoria, a autora destaca o modelo do processamento distribuído paralelo de Rumelhart e McClelland, segundo o qual a informação não é armazenada em um lugar no cérebro, mas sim distribuída em diferentes camadas que servem a funções linguísticas e não linguísticas. Ao contrário dos estudos gerativistas, a teoria conexionista tenta demonstrar que a linguagem não é inata, mas sim o resultado de processamento mental em que mecanismos simples de aprendizagem são expostos a evidências complexas. Identificar os mecanismos deste processo é o objetivo principal da teoria e, para isto, as hipóteses sobre a experiência de aprendizagem são testadas em modelos artificiais (computacionais). Há estudos conexionistas que tentam explicar a diferença entre a aprendizagem infantil e a de um adulto e a diferença de plasticidade resultando em modificações nas conexões neurais. A importância dada às repetições e associações e a não inclusão de representações linguísticas complexas são críticas feitas a esta teoria, que para muitos se assemelha ao comportamentalismo.

No capítulo 9 (Aquisição de segunda língua na perspectiva da complexidade), fica evidente a afiliação teórica da autora, pois a primeira pessoa do singular se faz presente em vários momentos. Apesar disso, Paiva não desenvolveu o

capítulo com a mesma organização dos anteriores, causando certa decepção no leitor ao não apresentar, por exemplo, excertos novos de narrativas de aprendizes e críticas feitas ao modelo. Além disso, o leitor precisa ter lido todos os capítulos para entender a representação gráfica da aquisição de segunda língua como sistema complexo presente na página 149, uma vez que ela retoma as características específicas das teorias e modelos anteriormente apresentados reunindo-os em um único modelo. Neste capítulo, temos ainda uma síntese dos conceitos básicos e dos estudos sobre língua(gem) e aquisição de segunda língua como sistemas complexos. A autora mostra como a nova abordagem concilia diferentes teorias de aquisição e lança uma ponte para uma nova abordagem de ensino baseada na complexidade.

O capítulo 10 foge à estrutura dos outros capítulos e apresenta um resumo de 15 teorias, sem a profundidade dos capítulos anteriores. Com este capítulo, a autora possibilita ao leitor tomar consciência da existência de outras teorias fornecendo-lhe elementos para nelas se aprofundar, caso seja do seu interesse. As teorias apresentadas neste capítulo são Modelo ACT; Teoria de processamento da informação; Teoria funcional-tipológica; Abordagem orientada para o conceito; Modelo da competição; Teoria neurofuncional; Teoria da interlíngua; Modelo cognitivo-interacionista; Modelo da competência variável; Modelo multidimensional; Teoria CREED associativo-cognitiva; Teoria da acomodação; Abordagem da identidade; Teoria da atividade; Modelo dialógico. A partir dos autores citados, é possível fazer uma pesquisa mais apurada de cada uma delas. O livro apresenta um total de 24 estudos sobre aquisição de segunda língua escolhidos de forma criteriosa e que poderão contribuir para a reflexão sobre o tema tanto em cursos de graduação quanto de formação continuada e pós-graduação.

Considerando o livro como um todo, trata-se de uma obra importante para a Linguística Aplicada brasileira. Além disso, reúne uma excelente bibliografia sobre aquisição de linguagem, em especial sobre aquisição de segunda língua.

Paiva oferece um panorama atualizado das principais teorias, modelos e hipóteses sobre a aquisição de segunda língua que influenciaram o ensino de línguas no mundo e, em particular, aquelas que tiveram mais influência no contexto brasileiro. A presença de excertos de narrativas de aprendizes de diferentes origens ilustra bem os capítulos, sendo que os excertos de narrativas de estudantes brasileiros de inglês, espanhol e francês permitem ao leitor refletir sobre sua realidade.

A título de conclusão, gostaríamos de apontar para o fato de a autora apresentar um diferencial em relação a outras obras: Paiva explicita sua filiação à perspectiva da complexidade. Ao fazer isso, mostra que diferentes perspectivas sobre a aquisição de segundas línguas podem responder à pergunta de como se aprende uma nova língua, mas somente uma abordagem de ensino que as reúna poderá propiciar respostas mais abrangentes e que atendam às diferentes realidades enfrentadas em sala de aula de língua estrangeira no Brasil. É importante que os professores de línguas estrangeiras brasileiros, conscientes de que atuam em diferentes contextos, no decorrer de seus cursos de licenciatura e suas carreiras profissionais, saibam também que nenhuma abordagem de ensino contempla a complexidade da aquisição e aprendizagem da língua não materna e que a reflexão sobre a própria realidade depende de uma formação sólida e contínua que envolve a leitura crítica de obras como o livro aqui resenhado.

### **Referências:**

MACLAUGHLIN, Barry. *Theories of second-language learning*. London: Arnold, 1987.